

**Rebecca Promitzer**

# **O Rei do Pickles**

Tradução:  
ÉRICO ASSIS



---

Copyright © 2010 by Rebecca Promitzer

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Os nomes dos personagens e lugares deste livro pertencem a Rebecca Promitzer e não podem ser usados sem a permissão da autora.

Todos os direitos reservados.

Edição original em inglês, publicada em 2009,  
com o título *The Pickle King* by the Chicken House,  
2 Palmer Street, Frome, Somerset, BA 11 1DS

*Capa*

Elisa V. Randow

*Preparação*

Leda Cartum

*Revisão*

Veridiana Menaka

Viviane T. Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Promitzer, Rebecca

O rei do picles / Rebecca Promitzer ; tradução Érico Assis. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The pickle king.

ISBN 978-85-359-1757-4

1. Literatura juvenil 1. Título.

10-09974

CDD-028.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

# 1

Em Elbow, a cidade onde eu moro, chove o verão inteiro. Não aquela chuva para você se divertir correndo, pulando de poça em poça. Não aquela chuva que é rápida, quentinha e que depois vem um arco-íris. Não. Em Elbow, a chuva é escura e pesada. Chuva que retumba como centenas de dedos furiosos. Os dedos ficam batendo toda hora na calçada, nos carros e nos guarda-chuvas, e as pessoas ficam pálidas porque nunca veem a luz do dia, só escuridão e umidade. Tem gente que fica louca por causa disso e sai correndo de pijama pela rua gritando “Para! Para! Eu não aguento mais!”.

Todo verão é a mesma coisa em Elbow — de maio a setembro só chove. É assim desde que eu consigo me lembrar. As pessoas normais deixam a cidade antes que a chuva comece e viajam para lugares ensolarados como a Flórida ou Fiji, ou para famosos destinos europeus como a Toscana ou St. Tropez. Seria eu uma dessas pessoas de sorte? *Alguma* vez passei um verão na praia ou no campo com meus pais? Não. Nem um pouquinho. Eu fico em Elbow, na chuva.

Não temos muita grana. Papai morreu quando eu tinha nove anos e mamãe foi para um lugar chamado St. Agnes, onde cuidam de pessoas que não sabem a diferença entre o que é real e o que está na sua cabeça. Talvez na cabeça de mamãe tenha calor e sol — mas eu duvido. Acho que a chuva entrou lá e não quer mais sair.

Eu moro com Bertha, a melhor amiga da minha mãe. Ela veio morar na nossa casa depois que mamãe foi para St. Agnes. Todo mundo que a conhece a chama de Grande Bertha — mas mesmo isso não lhe faz jus. Ela é tão grande quanto uma casa e é fofa e quentinha como um pão que acabou de sair do forno. Ela não fica muito em casa porque é enfermeira no hospital e faz turno integral. Às vezes é bem ríspida comigo, mas acho

que ela meio que me ama porque sempre me faz panquecas de manhã e deixa anotações dizendo coisas tipo *Comprar leite e ovos para hoje. Beijos.*

De qualquer forma, estas eram as férias de verão em Elbow e, é claro, o mundo estava desabando de tanta chuva.

Não sei se você já esteve em um lugar onde chove dias a fio, sem parar nem um pouquinho. Se já esteve, sabe que isso deixa a gente irritadiça, meio nervosa por dentro. As sombras, a luz nada natural e os barulhos estranhos fazem você achar que não pode confiar nas coisas ao seu redor, as coisas que estão sempre por ali. Às vezes parece que o que você viu em filmes de terror ou nos seus pesadelos ganhou vida e é de verdade — e mudou-se para cá. Outras vezes é como se você estivesse vivendo debaixo d'água e não tivesse ar, e aí começa a acreditar que o sol *nunca* vai brilhar de novo. Não faz bem passar o verão em Elbow, mas crianças como eu têm que ficar por aqui; as crianças que não têm dinheiro, ou que não têm pais, ou um pouco das duas coisas. Tem gente que fica com uns trecos verdes entre os dedos do pé por causa da chuva. É tipo um mofo. Bertha diz que, se não tratar, os dedos podem ficar colados.

Todo ano a secretária da escola envia uma lista para todas as crianças que ficam presas aqui no verão. É chamada de Lista do Clube de Verão. Mas não é um clube e não tem verão em Elbow, então não passa de uma lista. Seja como for, a escola espera que nos juntemos, mesmo que não sejamos amigos (e nunca somos), para passar as férias juntos. É tipo ficar na escola depois do horário, mas por semanas. Temos que contar o que fizemos juntos e como nos divertimos, mesmo se quisermos nos matar de tanto tédio.

Aliás, meu nome é Bea. Apelido de Beatrice, mas nunca me chamam assim. Eu faço doze anos em novembro.

No primeiro dia de férias, desci para tomar café da manhã e, como sempre, me enrolei no cobertor do sofá com um prato

de panquecas balançando entre os joelhos. Espalhei mais queijo suíço por cima e já ia começar a comer quando percebi que havia esquecido o ingrediente mais importante de todos; então voltei à geladeira para pegar meu pote de Chili Herman Língua do Diabo. A melhor comida do mundo é panqueca de queijo suíço com Chili Língua do Diabo.

A cidade de Elbow é conhecida por duas coisas. O clima do verão e o Chili Herman Língua do Diabo. Outros produtos são feitos aqui, tipo a Lola Cola, os Salgadinhos do Bert e o Mel Pinehills, mas eles não são tão famosos. Já o Chili Língua do Diabo, *todo mundo* conhece. Tem uma fábrica gigante de pickles e temperos na saída de Elbow, onde se faz o chili, e muita gente da cidade trabalha lá. A fábrica produz a Pasta de Tomatillo Herman, que é tipo um molho agri-doce (tem gente que gosta de passar no hambúrguer), o Melado Crocante Herman, uma coisa marrom-escura com cubinhos de vegetais, a Mostarda Original de Raiz-Forte Herman, e o meu predileto, o Chili Herman Língua do Diabo (que vem em três potências: Pode Relaxar, Esquenta o Forno e Chama os Bombeiros). No rótulo de cada pote há uma foto do próprio Herman, o homem que os fabrica, com um grande sorriso que deixa você feliz só de olhar. Ele tem olhos negros cintilantes e uma grande barba de pirata.

Você passa a maior parte do ano sentindo os cheiros da fábrica Herman — cheiros meio estranhos, tipo de açúcar de beterraba, vegetais cozidos e alcaçuz. Mas no verão não dá para perceber os cheiros porque a chuva os sufoca, como se uma grande mão molhada tapasse a boca de tudo. No verão, os cheiros da chuva tomam conta da cidade, cheiros úmidos como de poças d'água e de coisas podres.

Meu pai me apresentou o Chili Herman Língua do Diabo quando eu tinha uns cinco anos e desde então nunca mais parei de comê-lo. Mesmo quando todo mundo dizia que os pickles Herman estavam com um gosto ruim, uns três anos atrás, eu ainda comia. Mas foi por essa época que meu pai morreu e eu meio que parei de dar atenção para muita coisa.

Eu como Chili Língua do Diabo com tudo: no sanduíche, com ovos mexidos, às vezes até com sorvete. Nada é tão gostoso sem ele.

Naquela manhã, os dedos verdes furiosos da chuva tambo-  
rilavam no telhado e nas latas de lixo lá fora. Estava muito  
escuro, parecia o verde mais escuro do lago mais negro e pro-  
fundo. Bertha já havia saído para o trabalho, provavelmente  
usando sua capa amarela, seu chapéu amarelo e as galochas  
verdes. Eu estava de pijama assistindo a desenhos. Deve ser  
por causa das cores vivas, dos barulhinhos engraçados ou das  
carinhas felizes, ou de tudo isso junto, mas eles me ajudam a  
esquecer ao clima. Me dão uma tontura de todas as cores do  
arco-íris, na qual eu me sinto segura. Se você não conseguir se  
distrair, a chuva vai começar a te deixar bem lento. Foi o que  
aconteceu com a mamãe.

Eu não devia, mas quando a Bertha sai, acendo todas as  
luzes da casa — isso também ajuda.

Às vezes, quando o céu negro chuvoso se joga contra as  
janelas como se quisesse me engolir, os desenhos e as luzes não  
dão conta. Quando isso acontece, aperto meus olhos e forço  
minha imaginação até ver a luz do sol: luz dourada. Luz do  
dia fofa, calorosa e amarela, batendo nas palmeiras.

Viajamos de carro para a Flórida uma vez, mamãe, papai  
e eu no nosso fusca, e o vento quente soprava os meus cabelos.  
Olhando o céu azul, aquela luz que brilhava e brilhava entre  
as árvores. Eu tinha que apertar bem os olhos e deixar a luz  
entrar um pouco de cada vez, até grandes círculos brilhantes,  
como grandes joias, dançarem nos meus cílios. Gosto de lem-  
brar os meus pais ao sol, sorrindo, dourados. Já fomos uma  
família de verdade. Acho que nós éramos felizes.

Se ao menos eu pudesse sair daqui. Deixar Elbow, deixar  
a chuva e a escuridão. Um dia que fosse.